

AS RODAS DE CONVERSAS COMO TECNOLOGIA SOCIAL E AS ARTES DE FAZER E FAZER-SE PROFESSOR

Autor (1): Gabriela Carvalho Pereira; Co-autor(1): Izaura dos S. Almeida; Co-autor(2): Tatiane R. Souza; Co-autor(3): Jocelis A. Gabriel; Orientador: Rejany dos S. Dominick

Universidade Federal Fluminense – E-mail: pedagogiatecnologia17@gmail.com

Resumo: Neste trabalho focamos na narrativa das ações de interação escola-universidade que acontecem no espaço escolar. No projeto de ensino, pesquisa e extensão buscamos a produção de reflexões críticas que gerem ações de interlocução entre os diferentes saberes sobre os usos das tecnologias na educação e que precisam interagir no cotidiano da formação de professores. A escola núcleo deste trabalho fica na Baixada Fluminense, no segundo distrito do município de Caxias, no bairro de Campos Elíseos. Eram identificados alguns problemas de relacionamento que afetavam o trabalho dos docentes e sua arte de fazer e fazer-se professor. Partindo de uma intervenção estética no ambiente escolar passamos a discutir a possibilidade de mudanças nos processos pedagógicos. As rodas de conversas, como Tecnologia Social, assumiram o papel de espaço de mediação visando proporcionar um bom convívio, superando alguns conflitos existentes no ambiente escolar e melhorando as diferentes relações.

Palavras chave: Formação de professores, diálogo, roda de conversa.

Introdução (justificativa implícita e objetivos)

O projeto foi realizado em uma escola municipal, em Duque de Caxias – RJ, no bairro de Campos Elíseos. As ações na escola articularam-se ao projeto de pesquisa de mestrado intitulado "Ciclo de Alfabetização e narrativas: um diálogo possível entre tecnologias instituintes", realizado pela orientadora educacional Izaura dos S. Almeida, na EM Maria Anger Dias Guarino.

Articulando extensão, ensino e pesquisa deparamo-nos com problemas de relacionamento entre professores-equipe gestora, mas também entre professores-pais. A roda de conversas, como tecnologia social (RODRIGUES e BARBIERI, 2008), foi identificada como caminho possível para a intervenção dialógica, proporcionando melhor interação entre todos os que faziam parte da unidade.

A Unidade Escolar possui uma estrutura precária, pois foi instalada em um antigo posto de saúde. Na escola há quatro salas de aula, a sala da direção – que é também secretária

e espaço da equipe diretiva. Há refeitório, cozinha, dois banheiros para alunos, sem adaptação às crianças – feminino e masculino. Há um banheiro para os funcionários e uma sala de leitura. Esta foi construída recentemente, a partir da iniciativa das professoras e da direção da época. Há um corredor que corta a construção e onde fica um bebedouro, uma estante com livros que podem ser manuseados pelos alunos, um arquivo e lixeiras. A equipe de professores da escola era composta por: quatro professoras no primeiro turno e três no segundo turno, uma professora de Informática Educativa e uma de Sala de Leitura. Cabe ressaltar que o grupo de docentes do turno da manhã possui larga experiência, tendo ingressado na Rede de Duque de Caxias, em média, há vinte anos. A professora da Sala de Leitura também tinha um longo tempo de magistério na rede, assim como uma das professoras do segundo turno, que pela manhã era dirigente de turno. As outras duas professoras do turno da tarde eram iniciantes na Rede uma possui dez anos no magistério, bem como a professora de Informática Educativa, porém uma possui dez anos no magistério. Na referida rede, a equipe diretiva é composta pela direção, orientação educacional, orientação pedagógica e dirigente de turno. A Roda de Conversas como acreditamos não ocorria de forma plena na escola, visto que segundo Warschauer (2001, p. 47) é um “momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador, o professor”. Contudo, observamos possibilidades para a sua implementação, tendo em vista o reconhecimento da Rede da necessidade de se ter um momento para o exercício da “conversa”. Palavra essa citada também nos cadernos de plano de aula das professoras.

Descobriu-se que os ancestrais humanos caçavam, pescavam e coletavam para a subsistência da tribo. Construíam instrumentos e conheciam o fogo, que era utilizado para o preparo de alguns alimentos, aquecê-los nos dias frios e para afugentar animais selvagens. O espaço em volta do fogo era ponto de encontro do grupo. O Homo erectus, ancestral do Homo sapiens, poderia não possuir uma linguagem falada complexa, contudo as suas habilidades nos levam a crer que viviam em grupo e já utilizavam a roda em volta do fogo, não a de Conversas, que é a de intersubjetividades, mas uma roda de trocas simples de conhecimentos que os levariam a ser bem-sucedidos em seu tempo.

A Roda de Conversas se estrutura como uma tecnologia que permite complexificar as relações sociais. A evolução da linguagem falada é uma grande conquista de nossa espécie e diferencia consideravelmente o Homo sapiens de todas as outras criaturas.

O objetivo geral do projeto de extensão consistia em “produzir, construir, divulgar e aprofundar conhecimentos sobre as diferentes tecnologias educacionais presentes no cotidiano escolar dos anos iniciais do ensino fundamental, de forma partilhada com professores da educação básica e da universidade, que estão em formação inicial e/ou continuada estimulando o diálogo e a participação ativa dos diferentes sujeitos, seus saberes e sua cultura”. Dentre os objetivos específicos do projeto destacamos os seguintes: Discutir, estudar e aprofundar conhecimentos, interagindo com os sujeitos da e na escola, sobre questões referentes à inclusão da diversidade; Possibilitar que estudantes das licenciaturas, de mestrado e professores conheçam, construam, desenvolvam e avaliem, de forma integrada, atividades relacionadas com o exercício da docência, que é compreendida como ensino, pesquisa e gestão escolar; Divulgar aspectos das dinâmicas presentes no processo ensino-aprendizado e sobre ‘as artes de fazer’ dos docentes dos anos iniciais do ensino fundamental; Identificar, no cotidiano das escolas, estratégias dialógicas desenvolvidas a partir do uso das tecnologias educacionais; Articular reflexões e produções teóricas já existentes com as demandas, práticas, dúvidas e inovações ou repetições presentes na cultura escolar; e Acompanhar e contribuir para melhoria na qualidade social e humana das interações educacionais dialogando com os docentes das e nas escolas.

Metodologia

Dialogamos com as elaborações da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação, entidade que mantém intenso debate e análise de políticas públicas no campo da formação dos profissionais da educação. Baseamo-nos na busca pelas articulações entre teorias e práticas, concebendo que a formação de professores exige momentos de produção coletiva do conhecimento. Não buscamos heróis nem de algozes, mas faíscas que indicam a presença de políticas potencializadoras da inclusão, dos diálogos entre as diferenças, da produção de subjetividades que se percebem como agentes da história (LINHARES, 2008). Nos apropriamos de um tipo de ação de ensino, pesquisa e extensão que caminha nas fronteiras para conhecer, estranhar a si, a cultura, o outro e o espaço já conhecido.

Propomos que o estudante de graduação se articule com um profissional e desenvolva um projeto na escola, com atividades semanais e em diálogo com o planejamento

feito em conjunto. Buscamos proporcionar vivência coletiva em processos educacionais reais em diálogo com as novas e com tecnologias educacionais tradicionais. Para além do diálogo com os artefatos tecnológicos, buscamos dialogar com a concepção de “tecnologia social”, que Rodrigues e Barbieri (2008) afirmam voltar-se prioritariamente para a emancipação dos atores envolvidos, tendo no centro os próprios produtores e usuários das tecnologias. A tecnologia social implica a construção de soluções coletivas pelos que irão se beneficiar dessas soluções, atuando com autonomia. Uma definição de tecnologia social proposta pelo Instituto de Tecnologia Social (ITS, 2004: 130) é a seguinte: 'um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para a inclusão social e melhoria das condições de vida'.

No trabalho com os “projetos nas escolas” procuramos propor e estimular os docentes em formação inicial e continuada a se tornarem autônomos na geração e uso das tecnologias no espaço educacional, assumindo uma perspectiva crítico-dialógica. Conforme narrado por Almeida e Dominick (2017) nesta perspectiva, a mestranda observou os registros dos docentes em cadernos de plano de aula e buscou ler material distribuído pela Secretaria Municipal de Educação denominado “A organização da Rotina Escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”. Também foi feito um levantamento teórico sobre o significado da roda de conversas.

Os caminhos apontados pelas metodologias de pesquisa interativas são percorridos por nós, de forma dialógica. Temos como princípio potencializar as interações e cada um dos agentes sociais envolvidos poderá participar de diferentes maneiras: acessando as mensagens enviadas por nós; participando de discussões dos encontros da Sala de Compartilhamento; interagindo com os estudantes de licenciatura para trabalhos de pesquisa participante em suas salas de aula por meio dos Projetos nas escolas; convidando professores da Universidade e/ou os próprios estudantes para apresentação de palestras ou para participar de encontros de diferentes aspectos junto aos profissionais das escolas.

O acompanhamento do trabalho semanal dos estudantes se dá por meio dos encontros semanais realizados na Faculdade de Educação ou na escola, denominados Salas de compartilhamento, onde avaliamos e refletimos sobre as atividades desenvolvidas e sobre os acontecimentos nas escolas, planejamos, buscamos articular as nossas dúvidas e certezas aos conhecimentos teóricos científicos, filosóficos e artísticos que integram a formação dos licenciandos

da FEUFF. Cada grupo que inicia sua participação elabora uma proposta de trabalho e esta é levada aos sujeitos sociais da escola para que seja avaliada, discutida e alterada de acordo com as necessidades e/ou interesses dos proponentes e da escola.

Durante o processo de desenvolvimento dos projetos, é solicitado aos licenciandos que participem de algumas reuniões pedagógicas da escola visando o conhecimento do projeto entre todos os docentes e para que o licenciando se aproprie da dimensão político-pedagógica-administrativa da escola.

Ao final de cada semestre letivo os licenciandos produzem relatório analítico e o mesmo deve ser apresentado em espaço próprio na Universidade e aos atores sociais da Escola. A apresentação de tal produção à escola se faz indispensável, pois esta prática integra à metodologia adotada e permite uma releitura dos envolvidos.

Discussão

Buscamos a produção de reflexões críticas que gerem ações de interlocução entre os diferentes saberes sobre os usos das tecnologias na educação e que precisam interagir no cotidiano da formação de professores, a bolsista de extensão iniciou atividades na escola em maio de 2017 e a rede entrou em greve de professores. As participantes do projeto na escola iniciaram uma conversa sobre a necessidade de transformação estética do ambiente escolar. O grupo de professoras e gestoras que estava indo à escola decidiu que seriam criados painéis nas portas e corredor da escola para que a transformação espacial pudesse sensibilizar as docentes para que outras mudanças acontecessem.

Na semana seguinte produziram painéis e funcionários de apoio e a professora de informática juntaram-se ao grupo. Foi criado um grupo de Whatsapp visando interação para a troca de ideias e, neste, foram incluídos gestores, a bolsista e a professora de informática.

Não haviam concluído os painéis e a greve terminou. Com o retorno de docentes e discentes à escola, logo na primeira semana, houve a necessidade de se fazer uma roda de conversas sobre a greve com alunos do segundo ano do turno da tarde – turma A. Esta foi dinamizada pela mestranda e pela professora regente. Nasce, por demanda da realidade local e por iniciativa do projeto, um grupo de estudos sobre a greve e sobre as contribuições que a
de conversas poderia trazer para a escola. O primeiro

encontro aconteceu durante o conselho de classe da manhã, com exposição da gravação da roda de conversa realizada com a turma A. Na parte da tarde apenas uma professora compareceu ao grupo de estudo e o vídeo foi mostrado a ela, mas não houve debate.

Em julho houve recesso escolar e, ao retornar à escola, a bolsista passou a participar das atividades da turma da professora Tatiane. Nesta, foram realizados um mercadinho e algumas rodas de conversa que surgiam durante a leitura das regras combinadas pela professora com os alunos. A partir de tais debates e da proposta da mestranda, foram gravados vídeos sobre as rodas de conversa visando análise futura e aprimoramento das formas de implementar tal tecnologia social.

Foram gravados dois vídeos com as turmas do primeiro e do segundo ano vespertinos. No primeiro ano o tema foi a leitura e foram distribuídos livros para as crianças e a professora fez a leitura de um deles. Iniciou-se conversa sobre a importância de saber ler. No segundo ano o tema foi o racismo.

A professora trouxe imagens impressas de pessoas negras e famosas, frases e um artigo de opinião sobre o tema. Trouxe também dois vídeos gravados em pen drive, que foram exibidos na televisão disponível em sua sala de aula.

Logo no primeiro dia de visita ao espaço vivenciou-se problemas e dilemas singulares do ambiente escolar. Havia o conflito provocado por um pai com uma professora e outros pais defendiam a docente. Havia polícia na escola e tal situação possibilitou reflexões sobre os muitos desafios de ser professor e sobre a importância das rodas de conversas para a escola. Em uma realidade que parece árida, muitas vezes, nascem flores a partir dos diálogos, das relações afetivas, do contato com o outro, com o diferente, com a arte. Contudo, é preciso reaprender a ouvir, nos abriremos para as muitas realidades. Na escola foi possível perceber que o professor, algumas vezes, se sente solitário, que nem sempre a organização do espaço e do tempo escolar são adequados para que haja contato entre as docentes, para que seja possível acontecer rodas de conversas.

O projeto na escola tem bons resultados, a semente plantada está em processo de germinação. A produção dos painéis teve efeito no ambiente escolar e animou a produção para o espaço coletivo. As docentes sentiram-se incentivadas a criar, com seus alunos, artes que foram expostas no corredor. Mudanças pedagógicas poderão vir atrás, ampliar a reapropriação do ambiente e um sentimento de pertencimento. O grupo do Whatsapp criado

para a implantação não gerou bons resultados, tendo em vista que as docentes que retornaram da greve, ao final do movimento, preferiam que a adesão fosse integral.

Foram marcadas reuniões. No matutino aconteceu o encontro e as professoras assistiram à gravação, discutiram e pontuaram a importância da roda de conversas na sala de aula, produzindo uma roda de conversas. Houve aceitação da proposta, mas não se combinou outras gravações. Na parte da tarde somente uma docente compareceu ao encontro. O vídeo lhe foi mostrado, mas não houve debate. Foram combinadas gravações com três docentes do vespertino. Uma desistiu, pois os alunos não estavam preparados. Foram realizadas duas gravações da roda de conversas com as turmas do primeiro e do segundo ano vespertinos. No primeiro ano a professora conversou sobre a importância de saber ler e a importância da leitura para a vida. Os alunos falaram sobre as profissões que desejavam e também sobre as de seus pais. A roda teve curta duração, mas foi rica e os alunos apresentaram elementos sobre as famílias. No segundo ano, a roda teve como tema o racismo. A professora perguntou o motivo de estarem falando sobre o assunto. Contaram que uma aluna havia chamado o colega de “macaco”. A aluna justificou-se: o colega a teria chamado de “dedo colado”. A aluna tem uma deficiência na mão. Começou-se a tocar em outros preconceitos.

Conclusões

Com relação aos objetivos do projeto na escola concluímos que a partir dos estímulos as rodas de conversas estão acontecendo. O projeto buscou produzir, construir, divulgar e aprofundar conhecimentos sobre as diferentes tecnologias educacionais presentes no cotidiano escolar de forma partilhada, estimulando o diálogo e a participação ativa dos sujeitos, seus saberes e sua cultura. Fomos bem sucedidos, pois as diferentes tecnologias foram colocadas em diálogo no processo de execução e realizamos um trabalho na lógica da tecnologia social. Para os envolvidos, este tem sido um processo rico em experiências integradas sobre a docência. Identificamos e criamos estratégias no cotidiano escolar que ampliam o diálogo entre sujeitos nos apropriando e recriando tecnologias educacionais. Nos encontros que acontecem na UFF, temos buscado articular reflexões e produções teóricas já existentes com as demandas práticas, dúvidas e inovações ou repetições presentes na cultura escolar visando

a produção de conhecimentos que contribuam com a melhoria da qualidade social e humana da formação docente.

Como professoras-pesquisadoras na Baixada Fluminense aprendemos muito. As alunas da graduação, iniciantes do curso, narraram experiências e analisaram que algumas já haviam sido comentadas no meio acadêmico e, hoje, as vivenciam na prática. O projeto possibilita tal reflexão, articulando as dimensões teóricas e práticas.

O projeto de extensão na escola, em diálogo com o trabalho de mestrado da orientadora Izaura, possibilitou muitos aprendizados para todos e, aos poucos, tem feito germinar sementes que estão trazendo mudanças para aquela realidade. Hoje, as professoras já se ouvem um pouco mais e expõem os trabalhos de seus alunos no corredor, compartilhando saberes. Podemos afirmar que essa modificação nas relações altera também o trabalho pedagógico realizado com as turmas. Chegamos à conclusão de que o bom relacionamento, as trocas e o contato com o diferente é essencial para um bom ambiente educador e para o trabalho docente.

Referências

ALMEIDA, Izaura dos Santos; Dominick, Rejany dos Santos. A Roda de Conversa e a Democracia: Uma construção metodológica. In: IX Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Educação e Democracia. Rio de Janeiro, 2017.

DOMINICK, Rejany dos S.; CRUZ, Léa da. Considerações acerca da conservação e da transformação para o aleph: uma análise do instituinte na educação. *RevistAleph*, n. 20, 2013.

LINHARES, Célia. Formação de professores: definir ou interrogar tendências?. Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. Reflexões sobre a construção do conceito de tecnologia social. In: Fundação Banco do Brasil. Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: EGB, 2004.

RODRIGUES, Ivete; BARBIERI, José Carlos. A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável. Revista de Administração Pública-RAP, v. 42, n. 6, 2008.

WARSCHAUER, Cecília. A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. 3 ed. São Paulo: Paz e terra, 2001.